

Presta homenagem ao Ministro Waldemar Zveiter*

O EXMO. SR. MINISTRO CARLOS ALBERTO MENEZES DIREITO:

Sr. Presidente, Srs. Ministros, desejo, desde logo, manifestar a enorme honra que tenho de interpretar os nossos sentimentos comuns nesta última sessão de que participa o nosso queridíssimo, eminentíssimo Colega, Ministro Waldemar Zveiter.

Quando recebi a incumbência, Sr. Presidente, pus-me a pensar sobre qual melhor maneira para reduzir a extensão dos meus sentimentos em poucas palavras, na tradução dos melhores afetos que me unem ao Sr. Ministro Waldemar Zveiter. Lembrei-me de uma última entrevista que deu Andre Malraux – esse grande aventureiro do mundo –, em que afirmava que o mundo estava escurecendo. Pensei: seria mesmo verdade estar o mundo escurecendo? O que significaria esse escurecimento do mundo? Significaria, certamente, a ausência da amizade, a ausência da solidariedade, a ausência da lealdade, a ausência daqueles ingredientes que tornam indispensável a convivência no seu sinal mais perfeito, que é a convergência do trânsito da vida para a eternidade. Convenci-me de que nós todos, seres humanos, buscamos com intensidade redobrada a realização da nossa própria felicidade. E o alcance dessa felicidade só é possível se tivermos a capacidade de nos integrarmos devotadamente uns aos outros, o que significa, em uma palavra, um sinal marcante da nossa existência humana. E esse sinal nada mais é do que o reforço dos princípios basilares da amizade, dos princípios basilares do afeto, dos princípios basilares do carinho, dos princípios basilares da lealdade.

Sou fascinado, Sr. Presidente, por Montaigne. Montaigne, em um de seus ensaios mais admiráveis, afirma que a amizade é desfrutada na medida em que é desejada e apenas na fruição ela se cria, se alimenta e cresce, porque é espiritual e a alma só se aperfeiçoa com uso.

Quando estamos aqui reunidos para esta saudação particular ao eminente Ministro Waldemar Zveiter, tenho na lembrança exatamente essas qualificações que engrandecem o homem todo e todos os homens. O Sr. Ministro Waldemar Zveiter não é apenas aquele profissional da advocacia, que no seu Estado alcançou o cume, alcançou o posto mais privilegiado, sendo o *bâtonnier* dos advogados, ademais de reunir na história construída da sua vida um êxito que não tem tamanho. Mas, além de tudo e sobretudo, o Sr. Ministro Waldemar Zveiter não é apenas o profissional que respeitamos, é, também, o jurista capaz de elaborar com criatividade, com

* Ata da 3ª Sessão Ordinária da Segunda Seção do Superior Tribunal de Justiça, de 14/3/2001.

Coletânea de Julgados e Momentos Jurídicos dos Magistrados no TFR e no STJ

lucidez, com grandeza e ao mesmo tempo com a ternura a melhor construção do Direito brasileiro. E esta Corte é testemunha desse empenho maior de S. Exa. de traduzir na ciência essa passagem do saber para a sabedoria, porque adiciona a esse conhecimento e a essa capacidade exemplar de julgar a totalidade da sua devoção para buscar na causa a efetiva realização da justiça, tornando a interpretação coerente com o interesse da coletividade, mas, sobretudo, coerente com o interesse da pessoa humana.

Mas todas essas qualidades, a meu sentir, cedem no seu eixo de vida, que é o exemplo mais cabal, mais perfeito, mais completo daquela pessoa humana que é capaz de abrir o seu coração com tal intensidade, que nos contagia a todos; sempre com a mão estendida, capaz de revelar a ternura do seu gesto e, na grandeza do seu coração.

Imagine V. Exa., Sr. Presidente, o quanto neste momento a minha própria alma não sente profundamente a ausência que vamos dentro em pouco ter de confirmar. É uma ausência, sem dúvida, que, na realidade, tem o sentido e o alcance da permanência, porque só aqueles que tem o dom de reunir um tal conjunto de qualidades que os tornam perenes, podem também permanecer vivos não na memória, porque a memória é passageira, mas, sim, no coração, na alma, porque essa tem toque da eternidade, naquela convergência, naquele trânsito que nós todos pela própria natureza seremos capazes de alcançar se formos felizes.

Essas poucas palavras procuram apenas externar esses sentimentos de muito carinho nesta hora que não é de despedida, não é de adeus, é de presença e é de afirmação. Srs. Ministros, falamos ao Sr. Ministro Waldemar Zveiter, que nos deixa, mas fica; ao padrinho, fala o afilhado com o coração aberto no agradecimento mais sincero, porque pelo seu testemunho e contágio da generosidade dos meus Colegas, tive esse grande privilégio de assentar-me nesta Corte.

E é por isso, Sr. Presidente, Srs. Ministros, que nesta conclusão, com a intensidade que desejo seja dada e seja por ele recebida, posso lembrar-me de Hannah Arendt, ao receber o prêmio Lessin, na cidade livre de Hamburgo; ela disse, lembrando Lessin e Goethe, que o homem de gênio tem algumas qualidades. E no verso de Lessin está assim expresso: “*O que o move, move; o que o agrada, agrada. Seu gosto acertado é o gosto do mundo*”.

Tal é o exemplo da vida de V. Exa., Sr. Ministro Zveiter, meu amigo, meu padrinho, meu permanente companheiro.

Muito obrigado.

**O EXMO. SR. DR. FRANCISCO ADALBERTO NÓBREGA
(SUBPROCURADOR):**

Sr. Presidente, peço autorização para, de pé, prestar especial homenagem ao Sr. Ministro Waldemar Zveiter.



Sr. Ministro-Presidente, Srs. Ministros, Srs. Representantes do Ministério Público Federal, Srs. Advogados, senhoras e senhores funcionários.

Sr. Ministro Waldemar Zveiter, diz o Eclesiastes que há um tempo para tudo na vida, um tempo para todas as coisas sob os céus. Há um tempo para sorrir, há um tempo para chorar, há um tempo para abraçar e um tempo para partir. Infelizmente, Sr. Ministro Waldemar Zveiter, chegou a hora da partida, partida que não queríamos e que, por isso, vem envolta em um manto de nostalgia.

Nomeado Desembargador do Egrégio Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, pelo Quinto Constitucional, V. Exa. trouxe para a Justiça, de par com a sua cultura humana e jurídica, um notável conteúdo, uma experiência fortíssima do diuturno exercício da advocacia. Chegando a este Tribunal, V. Exa. revelou-se como julgador atento, justo, sensível aos dramas humanos e sempre preocupado com a melhor interpretação da lei. Afável nos gestos, de trato ameno, V. Exa. sempre acolheu – e essa foi uma característica que marcou muito a sua passagem por essa Corte – as partes, os seus patronos, com o melhor carinho, como que lembrando da dificuldade, que é o exercício diuturno da advocacia. Em perscrutando essa passagem de V. Exa. por esta Corte dou-me conta da sabedoria de uma frase do ex-Desembargador João Batista do Prado Rossi, que o Sr. Ministro-Presidente conheceu, dizendo que não se despe a beca, sobreveste-se a toga. V. Exa., nessa sua passagem como Magistrado, foi sempre atento às dificuldades das partes e dos advogados. Mas eminente Ministro Waldemar Zveiter, penso que aos juízes do estofa de V. Exa. deveria ser permitido deixar gravado nos locais públicos dos Tribunais, de preferência nos plenários das sessões uma lição de vida, e aí, neste local, nesta bancada onde V. Exa. se encontra, com certeza ficaria uma placa com a seguinte inscrição: no limite do meu humano ser devotei-me à exaustão à difícil e divina missão de julgar.

Sr. Ministro Waldemar Zveiter, receba, em nome do Ministério Público, este pleito de reconhecimento que é, ao mesmo tempo, um tributo de justiça pela figura do grande Magistrado que foi V. Exa. nessa passagem por esta Corte. E, pessoalmente, não posso deixar de agradecer a V. Exa. tal qual o fez o Sr. Ministro **Carlos Alberto Menezes Direito**, não o faço com a intimidade que gostaria, porque o nosso tempo de amizade foi razoavelmente curto, mas quero agradecer os infindáveis gestos de carinho e ternura que V. Exa. a mim dispensou, gerando uma amizade da qual serei eterno refém.

Muito obrigado.

O ILMO. SR. ALDIR PASSARINHO (ADVOGADO):

Excelentíssimo Senhor Ministro Barros Monteiro, ilustre Presidente da Segunda Seção.

Excelentíssimos Senhores Ministros da Segunda Seção e das demais Seções que aqui também se encontram.

Coletânea de Julgados e Momentos Jurídicos dos Magistrados no TFR e no STJ

Excelentíssimo Senhor Subprocurador-Geral da República.

Senhores Advogados.

Senhores funcionários e demais presentes.

É hoje a última sessão desta Segunda Seção de que participa o Ministro Waldemar Zveiter, nesta Corte, em virtude de sua aposentadoria.

Peço a Vossa Excelência, Senhor Presidente, que me conceda a palavra para, como advogado – e, não tenho dúvidas, expressando o sentimentos dos outros advogados que aqui militam – expressar o quanto é para nós pesaroso, entristecedor, vermos afastar-se dos trabalhos do Superior Tribunal de Justiça essa figura de escol que é o Ministro Waldemar Zveiter.

Sobre seu magnífico *curriculum* profissional, como advogado, jurista, conferencista e magistrado, primeiro como Desembargador no Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro e, por fim, como Membro desse Alto Colegiado, não será esta a oportunidade de sobre ele falar, pois na solenidade oficial em que o Tribunal o homenageará, será ele proclamado e comentado, com enumeração dos inúmeros títulos e lauréis com que é galardoado.

Na ocasião, nestas palavras, que o momento exige sejam breves, desejo apenas dizer o quanto – desde que aqui chegou, colocando-se no plano nacional das decisões jurídicas desta Corte – sua atuação foi notada, despertando admiração e respeito, mas sendo projetado o seu nome nos meios jurídicos do país.

Desde o primeiro momento da chegada do Ministro Zveiter a esta Casa, eu – com a larga vivência de mais de cinquenta anos nos meios forenses, como advogado e magistrado, fases essas que, no tempo, praticamente se equivalem – pude de pronto afirmar que o Ministro Waldemar Zveiter iria contribuir de forma altamente significativa para o ainda maior engrandecimento do Superior Tribunal de Justiça. E isso eu sempre o disse e largamente o disse.

Não que tal conceito tenha constituído surpresa, posto que já havia Vossa Excelência, Ministro Zveiter, conquistado justo relevo da magistratura fluminense, mas a sua vinda para Brasília, proporcionou a oportunidade de mais serem realçadas as suas qualidades de Jurista de escol, de magistrado culto, sábio e prudente, pelo âmbito jurisdicional mais amplo do Superior Tribunal de Justiça.

Este Tribunal, Sr. Presidente, honra e dignifica o Judiciário de nosso País.

E se assim ocorre, é exatamente pelas altas qualificações dos que o integram.

Um Colegiado se torna complexo em excelência pela excelência dos que o constituem. É assim esta Corte.

A este Tribunal me ligam antigos laços, posto que integrei eu, durante vários anos, o extinto Tribunal Federal de Recursos, de tanto renome, cujos membros passaram a compor o Superior Tribunal de Justiça, com parte das atribuições àquele

conferidas. Acompanho, também por isso, além de vínculos familiares que a ele me prendem, particular interesse na atuação de seus Membros.

E, a propósito, diga-se da louvável e compreensível preocupação do Ministro Waldemar Zveiter com a composição desta Corte. E isso menciono por ter sido dele, como exemplo, a iniciativa de trazer à lembrança de seus pares, para ser considerado o nome do então Desembargador **Carlos Alberto Menezes Direito**, com vistas a sua inclusão na lista para a escolha de Ministro desse Colegiado. E, em resultado, sua nomeação se concretizou, felizmente se concretizou, pois todos sabemos do grande valor intelectual e pessoal do jurista **Carlos Alberto Menezes Direito**, sobre quem, Clóvis Ramalhete, no Instituto dos Advogados do Brasil, em conferência que ali fez, disse ser ele tão ligado ao Direito que o tinha até no nome.

Foi mais um serviço – e altamente relevante – que o Superior Tribunal de Justiça fica a dever ao nosso homenageado.

E é por isso que sinto realmente autorizado a dizer sobre o Ministro Waldemar Zveiter as referências que sobre ele faço, mas lhes asseguro serem elas a opinião generalizada dos advogados e dos magistrados.

Problemas de ordem pessoal o afastam prematuramente deste Tribunal. As razões do seu gesto mais o engrandecem e nobilitam.

É que Waldemar Zveiter é dotado do mais profundo sentimento familiar e bem compreende o quanto já foram os seus sacrificados pelas árduas e absorventes obrigações de Juiz desta Corte.

A sua compreensão e sensibilidade – após duro golpe que recentemente sua família sofreu – lhe fez ver que era agora o momento de voltar-se com mais dedicação para os seus, por mais que isso, do ponto de vista profissional, lhe fosse indesejado. É hora, porém, de o terem mais perto: sua esposa, Dra. Cecília, companheira exemplar; seus filhos, Luiz e Sérgio, que Deus lhe deu a felicidade de serem tão bons; sua nora e seus netos, que lhe dão tanta alegria e a certeza da continuação de uma família tão especial.

Mas fique certo Vossa Excelência, Ministro Zveiter, a sua saída será enormemente sentida.

Os seus Colegas já não o ouvirão proferir seus votos, sempre esperados, não apenas pelos seguros enfoques estritamente jurídicos que os alicerçavam, mas também, pelo extremo senso jurídico, pela ponderação de que eles se encontravam impregnados.

Assisti por muitas vezes, ao longo desses anos, os seus pronunciamentos. Sempre me impressionava o seu equilíbrio, a sua maneira muito sua, segura e educada, de discutir os temas, muitas vezes fazendo despertar a atenção para omitidos aspectos que precisavam ser examinados, pela sua significação para o julgamento. E ainda e principalmente a sua preocupação em que fosse dada à

Coletânea de Julgados e Momentos Jurídicos dos Magistrados no TFR e no STJ

causa, a solução que lhe parecia a mais justa. E notava-se o seu desagrado, embora contido, quando, impedido por questões técnicas de adentrar o mérito da questão, não podia impedir que permanecesse uma decisão do Tribunal local que lhe parecia não ter feito justiça.

Sentia-se, em tais ocasiões, sem embargo de sua voz tranquila, o Juiz atormentado, na compreensão da sua alta missão.

Tem-se em Waldemar Zveiter o homem bom, em harmoniosa integração na toga do magistrado sábio e justo.

E por tudo isso é que seus votos ganham, pela sensibilidade que os anima, uma dimensão profundamente humana.

Sr. Presidente.

Lemos, nos noticiários recentes que no distante Afeganistão, seculares esculturas de Budas estão sendo destruídas pelos talismãs em surpreendente demonstração de fanatismo e do mais absoluto obscurantismo. E isso, no limiar do Século XXI, quando despontam novas esperanças na área da saúde, provocando maior sobrevivência humana; das comunicações e do conhecimento do Cosmos.

É um episódio que se soma a tantos outros de igual ou semelhante natureza, cheios de radicalismo, ignorância, crueldade e desamor, daí se tendo que o homem, enquanto se lança na conquista das estrelas, vencendo os espaços siderais, dominando as forças naturais em extraordinário progresso científico e tecnológico, parece que pouco progride, no que diz respeito à sua própria condição humana.

É que *“a cultura manifesta a grandeza e também a miséria do homem”*.

E é por isso mesmo que é sempre bom, constitui-se mesmo em obrigação, enaltecemos os valores espirituais, para que sirvam de exemplo aos que virão na esteira dos tempos.

Ao concluir estas breves palavras – que o momento não permite sermos mais longos – e que devem valer como necessário registro, desejamos lembrar estas palavras do Padre Leonel França, que nos parece se ajustam com perfeição à figura de escol, singular, de Waldemar Zveiter:

O conhecimento que condiciona a formação e elevação do caráter é um conhecimento íntimo e vivido, que nos desvenda o segredo da significação derradeira das coisas, é uma iluminação interna que projeta sobre a vida a claridade transfiguradora dos grandes ideais. Não é do que achamos na natureza, é do que fizemos de nós mesmos que depende a grandeza da personalidade. Só a penetração de toda a existência pela luz das altas idéias constitui uma riqueza espiritual definitiva. Sem este olhar iluminado pelos valores do espírito o mundo empobrece e a pessoa não apresenta um objetivo digno de sua nobreza.

E por termos em Waldemar Zveiter, o cavalheiro, o homem afável, simples e bom, altamente espiritualizado, exemplo de cidadão e de magistrado, culto e reto, aquele que possui o olhar iluminado pelos valores do espírito, é que podemos dizer-lhe, ao vê-lo deixar esta Corte – e sem dúvida externando o sentimento dos advogados, que se identifica com o dos magistrados – que dele nos despedimos com a manifestação do nosso carinho, amizade, admiração e respeito.

E só nos anima a certeza de que, em breve, aqui estará, do lado de cá do cancelo, voltando – como eu fiz – às antigas lutas na tribuna do advogado, onde o receberemos com os braços abertos, com ânimos e esperanças.

E que nesta nova fase lhe seja igualmente muito feliz, como felizes estarão, com sua permanência, no Rio de Janeiro, os seus amigos de lá, sua querida D. Cecília, seus filhos e demais familiares.

Muito obrigado.

O EXMO. SR. MINISTRO WALDEMAR ZVEITER:

Sr. Presidente, Srs. Ministros, talvez porque na minha hoje já longa existência nesse estágio de vida não tenha recebido muitas homenagens, não porque alguém não as quisesse prestar, mas porque, embora não o demonstre, no íntimo sou profundamente tímido. Dizia aqui, quando o Sr. Ministro **Carlos Alberto Menezes Direito** estava falando, e S. Exa. sabe, porque viu, vê com os olhos do corpo e com os olhos da alma também, que me emocionei mais de uma vez, aos Srs. Ministros Cesar Asfor Rocha e Ari Pargendler, que vai ser difícil dizer algumas palavras em agradecimento. Depois, o eminente Procurador também com suas observações a meu respeito me emocionou profundamente.

Esta semana está sendo um pouco difícil para mim. Já na Seção da Corte Especial o Sr. Ministro Antônio de Pádua Ribeiro me prestou, em nome dos eminentes Colegas que integram aquele Órgão fracionário, uma homenagem belíssima.

Sou dos primeiros que chegaram, depois da extinção do antigo Tribunal Federal de Recurso, a esta novel Corte, na companhia do Sr. Ministro Sálvio de Figueiredo e dos seis primeiros. Penso que éramos sete Desembargadores, que vieram compor, na forma peculiar que a Constituição de 1988 atribuiu a este Tribunal, dos Tribunais de Justiça. Então, já deveria estar acostumado com estas sessões em que sempre prestamos homenagem ao Colega que se retira. Mas uma coisa é estarmos prestando homenagem a alguém; outra, é quem a recebe, ter forças suficientes para, com serenidade, recebê-las, embora saiba que profundamente imerecidas as palavras elogiosas que nos são dirigidas. E essa experiência estou passando agora. Passei-a por primeira vez quando saí do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, onde deixei grandes amigos magistrados com quem pude aprender, e vim integrar a Corte. Depois de vinte e cinco anos de exercício profissional ingressei na

Coletânea de Julgados e Momentos Jurídicos dos Magistrados no TFR e no STJ

Magistratura; iria completar, agora em maio, praticamente vinte anos que integro o Tribunal, sendo que desses vinte anos, treze no Superior Tribunal de Justiça.

Sei que todos os Colegas sentem o que senti quando comecei a prestar a jurisdição nesta Corte, com a visão ampla do País, com a convicção de que raramente a decisão proferida e coonestada pelos pares da Corte poderia ser modificada. De repente me vi retornando às minhas origens de filho de pais imigrantes, que vieram fazer ou tentar refazer as suas vidas nesta Pátria extraordinária, aquele garoto que saiu de Minas Gerais e jamais imaginou, porque, realmente, não tinha passado pela minha mente ser juiz; sempre atribuía aos juízes uma função quase que divina, e nunca tive coragem de prestar um concurso, e aí reitero as homenagens que sempre fiz aos juízes de carreira.

Nunca tive coragem de ser o primeiro a proferir uma decisão para dizer a quem caberia o direito. Lembro-me que, quando tive a honra de ser escolhido e chamado por componentes do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, afirmei-lhes que aceitaria porque não ficaria com a responsabilidade exclusiva de uma decisão. No colegiado seria mais fácil, pois teria oportunidade de rever os meus erros, advertidos por um julgador que compusesse a câmara de julgamentos, retratar-me, como várias vezes o fiz, e seguir os exemplos dos mais antigos e sábios.

Passei treze anos da minha vida como magistrado no Superior Tribunal de Justiça. Muitos colegas já se foram antes de mim e com todos e de todos recebi não só o apoio, a convivência fraternal, mas, acima de tudo, os exemplos e os ensinamentos que enriqueceram a minha modesta participação na Corte.

Disse, na sessão da Corte Especial, que não estou me afastando daqui por vontade própria ou porque pudesse estar em fastígio da atividade, não. Sabem todos os Senhores que ainda me restam ou me restariam, para a compulsória, cerca de dois anos. E gostaria de continuar usufruindo do cálice dessa amizade, desse convívio fraternal e dos ensinamentos que aqui aprendemos, até o final, que para mim seria a glorificação se coincidissem com o fim dos meus dias, nesta etapa da minha vida. Mas, infelizmente, as coisas não ocorrem como desejamos, e, forçado por necessidades que o vínculo familiar me impõe, vi-me na contingência de sair antes, para retornar ao convívio mais próximo da família e tentar contribuir para a formação profissional dos netos que, para minha alegria, escolheram a profissão que abracei.

Diziam os meus amigos no Rio de Janeiro, quando subia à tribuna, que sabia me articular muito bem, portanto gostaria de não estar emocionado, como estou, para retribuir em vibrações e em energia a fala do Sr. Ministro **Carlos Alberto Menezes Direito**. Dele não preciso dizer nada, porque aos Colegas presentes, e a S. Exa. nunca fiz reserva disso, sempre disse quando me perguntavam: “*E do Rio de Janeiro não vem ninguém?*” E respondia: “*Virá o dia que a pessoa, que penso, o desejar e vocês não ficarão arrependidos se votarem em seu nome.*” Ele está aqui. A sua presença na Corte talvez tenha sido a maior contribuição que tenha

dado, muito acima e muito além dos modestos votos que proferi. Trouxe para a Corte um Colega de convivência afável, um jurista, um constitucionalista e um ser humano de qualidades inexcusáveis que os Senhores todos tem tido a oportunidade de testemunhar o empenho com que sempre fiz referências a S. Exa. Honra-me essa forma carinhosa de me chamar de padrinho e não recuso, porque provavelmente poucos homens terão o privilégio de ter um afilhado igual a S. Exa., por isso, aceito-a de bom grado.

Não quero estender muito estas palavras, Sr. Presidente e meus eminentes Colegas, porque estou me sentindo profundamente lisonjeado e orgulhoso da presença dos Colegas que já estiveram na Corte Especial e assistiram à saudação que me fez de uma forma tão extraordinária o Sr. Ministro Antônio de Pádua Ribeiro, que vem aqui, hoje, para minha surpresa também, engalanar este ato singelo de despedida, de um “até já”, que os meus Colegas mais próximos da Judicatura estão me ofertando. Mas eu gostaria de dizer-lhes tantas coisas que residem no meu coração, com referência a minha estada nesse período na Corte, e lamento profundamente que, neste, como em outros momentos daqueles que reputo dos mais importantes da minha existência, a loquacidade me falte, a serenidade e a segurança de dizer aquilo que penso não me tranquiliza para fazê-lo aqui, e parece que isso é a renovação de um ensinamento bíblico da permanente humildade com que tenho procurado exercer as atividades que tenho tido o privilégio de exercitar nessa vida.

Dos grandes momentos, não podemos fazer triunfo; temos que recebê-los com modéstia. Quero apenas afirmar-lhes que este é o ato simbólico de maior grandeza e de maior oferenda de amizade que recebo. Já não tenho mais idade para me iludir nem comigo próprio. Passei pela vida por todas as necessidades que V. Exas. possam imaginar que uma criatura humana passe. Recebi muito da vida e sou-lhe muito grato. Por não me enganar mais, vejo em cada face dos eminentes Colegas que estão aqui presentes, das eminentes Colegas Sras. Ministras, e nos seus olhos que traduzem o afeto que exorna dos seus corações, o maior galardão que eu possa levar para a eternidade da minha própria existência. Acho que não há palavra maior, mais bela e mais bonita do que um “muito obrigado”. V. Exas. me deram o privilégio da convivência. Disse eu na Corte que viver é consequência; todos nós temos que enfrentar a nossa vida; conviver é arte, que devemos aprender a cultivar em todos os instantes da nossa existência. E jamais tive um convívio tão ameno, tão agradável e tão extraordinário como tive com cada um dos Senhores e com todos os Senhores que integram a Corte. Saio engalanado e lisonjeado com as homenagens que V. Exas estão me prestando este pleito de gratidão, que levarei para todo o sempre da minha vida. Recebi muito além do que merecia.

Quero que V. Exas. estejam convencidos de que os treze anos da minha existência aqui foram os mais pródigos, férteis e extraordinários que pude vivenciar. Gostaria de dizer, como o nosso querido Sr. Ministro Eduardo Ribeiro o fez: “*Aqui, deste lugar onde estou, não tenho arrependimento; fui Juiz por mais de quarenta anos e estou saindo tranquilo.*” Não estou saindo tranquilo, mas temeroso de retornar

Coletânea de Julgados e Momentos Jurídicos dos Magistrados no TFR e no STJ

a uma atividade da qual me distanciei por mais de vinte anos e de não conseguir encontrar, lá, o que eu recebo aqui de V. Exas. Sabemos que não são os gestos nem as palavras que podem traduzir o afeto que possamos sentir uns pelos outros. Aprendemos aqui, na nossa convivência diária, que, fora dessa confraternização, dessa amizade, do amor que o ser humano deve nutrir pelos seus semelhantes, nada é importante e nada tem importância na vida.

Nesse sentido, fico temeroso, mas com uma tênue esperança - e que os Srs. me permitam - que todas as vezes que eu fraquejar lá fora, eu retorne aqui para revê-los, abraçá-los e retemperar minhas energias e poder fazer desta Casa e da amizade de V. Exas. o oásis da minha existência que começa já mais próxima de se apagar.

Agradeço profundamente ao Sr. Ministro **Carlos Alberto Menezes Direito**, meu afilhado, esta demonstração pública do afeto que nutrimos um pelo outro, e também agradeço profundamente ao eminente Procurador Francisco Adalberto Nóbrega, a quem passei a admirar, com quem passei a conviver e de quem me fiz amigo para a minha alegria e honra, as palavras que disseram para justificar essa magnífica sessão de gala que jamais vai se apagar da minha mente.

Agradeço ao eminente Sr. Presidente por abrir um hiato nos nossos trabalhos para que eu pudesse receber esta homenagem, e agradeço aos Srs. Ministros que aqui estão a alegria que vieram me trazer, abrilhantando também este momento que talvez seja o mais fulgurante que já tenha vivenciado.

Agradeço a manifestação do eminente Sr. Ministro Aldir Passarinho que, como as demais feitas, emocionaram-me profundamente, e a bondade das palavras extremamente gentis, fruto de sua amizade que muito me honra.

Peço-lhes permissão para dizer, finalmente, aqui a única expressão que reputo como a mais importante, pela grandiosidade deste momento.

Muito obrigado a todos!

O EXMO. SR. MINISTRO BARROS MONTEIRO (PRESIDENTE):

Os Srs. Ministro **Carlos Alberto Menezes Direito**, o Subprocurador-Geral da República Francisco Adalberto Nóbrega e o Ministro Aldir Passarinho já interpretaram à perfeição o sentimento de todos quantos militam nesta Corte Superior.

Eu apenas diria, Sr. Ministro Waldemar Zveiter, que nesses doze anos de convivência, ou seja, desde a instalação do Superior Tribunal de Justiça, nós, os seus Colegas, habituamo-nos a admirar as suas qualidades de chefe de família exemplar, de Jurista de escol, de Julgador incansável e, ainda, de exímio orador. Aliás, ainda na última sessão da Corte Especial, bem a propósito lembrou o Sr. Ministro Milton Luiz Pereira, dizendo que gostaria de ter a facilidade e a clareza de exposição de que desfruta o Sr. Ministro Waldemar Zveiter.

É certo que, nesses anos, nós todos haurimos magníficos ensinamentos emanados de votos e pronunciamentos de V. Exa.. Aliás, estão aí os numerosos repertórios de jurisprudência, para demonstrar o quanto foi valiosa a contribuição de V. Exa., não só para esta Corte, mas para a Nação Brasileira.

As palavras de V. Exas. serão registradas em ata.

Por fim, agradeço a presença dos eminentes Colegas da Primeira e da Terceira Seção, que vieram abrilhantar esta singela, mas significativa homenagem.

Parabéns e votos de felicidades ao eminente Ministro Waldemar Zveiter.